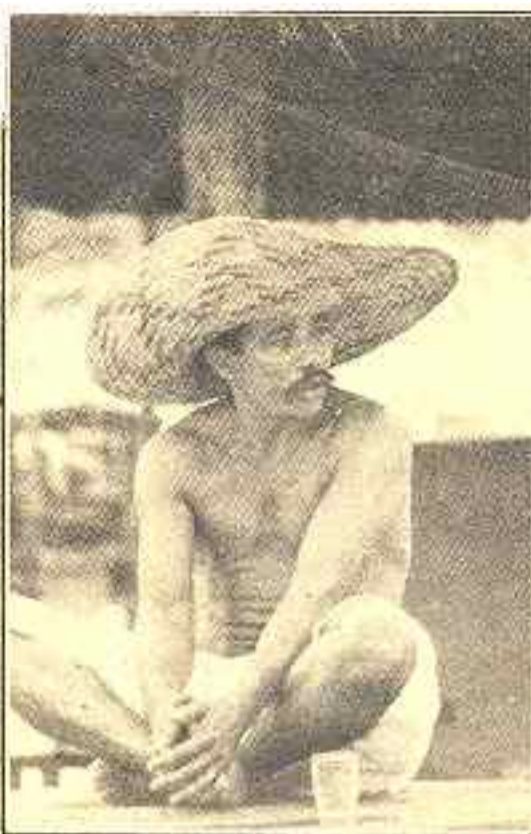


Aloísio inovou em atendimento a uma geração

“A gente se encontra lá na barraca de Aloísio”. Quem já frequentou a praia dos Artistas, na Boca do Rio, certamente já disse esta frase algum dia. A barraca de Aloísio de Souza Almeida, um caboclo baixo, pele curtida de sol, olhos verdes e sempre com o seu indispensável grande sombreiro e calça branca, virou uma espécie de marco desta praia caracterizada pela irreverência e inovações. Tudo começou em 73, quando o sonho “flower power” já havia acabado, mas a Bahia ainda vivia as viagens do movimento hippie, cujo reduto estava na Boca do Rio, além de Arembépe. “Quando cheguei na Boca fui logo me entrosando com a “hipparada”, conta Aloísio, enquanto arruma a rede de pescador que enfeita as laterais da sua barraca. Logo, a única barraca existente na praia passou a ser frequentada pelos cabeludos que faziam artesanato e por artistas como Lia Mara, Zizi Possi, Mário Cravo, Renata Sorrah, Marcos Paulo e pela turma dos Novos Baianos.



A barraca de Aloísio era coberta por uma grande e surrada lona amarela, o que bastou para ser batizada de “yellow sky, beach house” (casa de praia céu amarelo). Nesta época as liberadas frequentadoras da praia já faziam o “top less”, ou mesmo o “botton less”, mas, segundo o barraqueiro, foi somente em 79 que os seios bronzeados das baianas passaram para as manchetes dos jornais de todo o País. “Aí foi um tal de vir gente do interior, na maioria velhos, para a praia dos Artistas só para ver os peitos das meninas”, lembra, sorrindo, Aloísio.

O carisma do barraqueiro e o serviço aos banhistas dão a fama à barraca do Aloísio, na Boca do Rio.

Antes de ser o famoso barraqueiro, Aloísio já fez de tudo. Rociro, pescador, office-boy, marinho mercante e até limpador de ossos de defunto do Cemitério da Quinta dos Lázarus. E, no período anterior em que aportou nas areias brancas das dunas da Boca do Rio, Aloísio chegou a ensinar artesanato no Rio Grande do Sul. Hoje o velho barraqueiro está meio desgostoso com as poucas condições de trabalho. “Os fregueses não têm dinheiro para beber, o gelo está caro e a energia que usamos para deixar a geladeira ligada para a cervejinha gelada está caríssima”, lamenta. Mas o lamento maior de Aloísio são as mudanças feitas na orla marítima de Salvador, principalmente a redução das dunas da praia. “Só sei dizer que estão sumindo com a orla marítima/com a Boca do Rio, a minha praia onde batizei meu pé na brisa marinha da primavera/e que me acorrentou com sua nudez e seus verdes./Aqui, ali e atrás/nem caranguejo nem gaiamum se vê mais”, declama o barraqueiro.